

É inevitável que as mulheres amem demais?

Is it unavoidable that women love too much?

*Rosa Guedes Lopes*¹

Resumo:

O modelo da relação amorosa é a organização pregenital oral em que o objeto é incorporado. Na organização sádico-anal, as pulsões ativa e passiva correspondem às posições de sujeito e de objeto da criança na relação objetal com a mãe. Esta ligação arcaica é o modelo de toda forma de amar, ponto de fixação que orienta a escolha do parceiro sexual. O amor depende da presença do objeto. A perda do objeto causa angústia. Na angústia de castração, diferentemente, o ego é o objeto privilegiado de investimento pulsional. O estudo do narcisismo primário em Freud antecede logicamente o conceito de feminilidade. A lógica do não todo, formalizada por Lacan, elucida essa conexão que se dá na sexuação feminina. Esta conjunção permite compreender que o amor, fundamento do laço sexual e social, em excesso, leva à ruptura e à desinserção.

Palavras-chave: Psicanálise, sexualidade feminina, narcisismo, lógica do não todo, feminilidade.

Abstract:

The model of a relationship is the organization pre-genital oral where the object is embedded. In the sadistic-anal organization, the active and passive impulses correspond to the positions of subject and object in the child's object relationship with her mother. This connection is the archaic model of all forms of love, attachment point that guides the choice of sexual partner. Love depends on the presence of the object. The loss of the object causes distress. On castration anxiety, in contrast, the ego is the privileged object of instinctual investment. The study of primary narcissism in Freud logically precedes the concept of femininity. The logic of not-all, formalized by Lacan elucidates this connection that occurs in the sexuation of women. This combination allows us to understand that love, the foundation of social and sexual bond, in excess leads to rupture and detachment.

Keywords: psychoanalysis, woman sexuality, narcissism, logic of not-all, femininity.

Premissas conceituais

Os conceitos de libido e zona erógena elucidam a natureza sexual das relações objetais primárias. Permitem caracterizar o autoerotismo como libido originada da satisfação em jogo nas pulsões parciais, que deixa atrás de si uma disposição. Para Freud, a libido se conecta ao amor pela sedução, que desperta prematuramente a pulsão sexual.

¹ Psicanalista, Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.

Os estágios de organização da libido constituem um regime sexual peculiar pregenital, ou seja, sexualidade e genitalidade não são atividades sinônimas. Na fase oral, a finalidade é a incorporação do objeto. Nela, o amor “é compatível com a abolição da existência [do sujeito] separada do objeto” (FREUD, 1915/1976, p. 160). Esta fase se torna o modelo da relação amorosa, organizada pela identificação ao objeto incorporado, e é caracterizada pela ausência de diferença entre o objeto alvo da atividade sexual – o objeto da “fome” – e o que é ingerido como alimento. Para a Psicanálise, o plano pulsional se sobrepõe ao das necessidades e o amplia. A atividade pulsional visa à incorporação do objeto. Trata-se de um “protótipo que, sob a forma de identificação (1), deverá desempenhar um importante papel psicológico” (FREUD, 1905/1976, p. 204).



O Rapto de Perséfone (1621-22) – Escultura de Bernini esculpida em mármore (à esquerda). À direita detalhe impressionante da mesma escultura.

A organização sádico-anal opõe duas correntes que persistem durante toda a vida sexual – atividade e passividade. Elas correspondem às posições de sujeito e de objeto da criança na relação objetal com a mãe, modelo de toda forma de amar e ponto de fixação que orientará a escolha do parceiro sexual. A qualidade amorosa depende da presença do objeto. Sua perda causa angústia. Porém, esta não se refere à diferença sexual porque, neste momento, a diferença anatômica entre os sexos ainda não está presente para a criança. A lógica da qualidade amorosa (ou hostil) das etapas pregenitais é homóloga à lógica do funcionamento pulsional presente neste tipo de organização pulsional: ingerir e cuspir, reter e expulsar.

Somente a organização pulsional genital poderá responder por uma verdadeira oposição entre o amor e o ódio. Isto se deve ao complexo de castração. Ao organizar as relações entre os sexos pela lógica fálica – fálcos e castrados –, o complexo de castração fornece o limite real que diferencia o amor e o ódio. Além disso, funda uma perda narcísica que sexua o ego e promove a escolha objetal como tentativa de recuperação do narcisismo renunciado.

Diferentemente da angústia presente nas etapas anteriores, na angústia de castração, o ego é objeto privilegiado de investimento pulsional. Esta via torna possível afirmar que o estudo do narcisismo primário em Freud (1914/1976) antecede logicamente o conceito de feminilidade.

No que se refere ao narcisismo, segundo Freud (1914/1976), os homens se caracterizam pelo amor objetal completo do tipo anaclítico ou de ligação, porque renunciam ao narcisismo originado do ego ideal e transferem-no para o objeto sexual que deverá ser amado. A capacidade de amar é, então, correlata da renúncia. Ama-se a parte do próprio narcisismo ao qual se renunciou para ascender à posição sexuada. Ama-se o que não se tem.

As mulheres não se caracterizam pela renúncia, mas pela intensificação do narcisismo original, fator desfavorável para o desenvolvimento de uma escolha objetal verdadeira (FREUD, 1914/1976). Em decorrência, elas amam a si mesmas e precisam mais ser amadas do que amar. Neste sentido, trata-se de uma escolha de objeto de natureza homossexual, sendo que o alcance do amor objetal completo resulta da criança que geram. Para Freud, é a maternidade que permite à

mulher o alcance do amor objetal completo. Isto quer dizer que, para ascender ao amor altruísta, ela depende do encontro com um homem, ou seja, de uma escolha heterossexual.

A escolha objetal da mulher é narcísica, e o amor objetal só pode ser experimentado por ela por meio da maternidade. O desejo de filho é um deslocamento do desejo de falo; está referido à diferença sexual. O filho é o substituto do falo que a menina não recebeu da mãe. Essa condição conecta-o à relação da menina com a castração materna – a mãe não tem, mas deseja. O falo presente no desejo da mãe situa o bebê como objeto de satisfação amorosa e serve de medida para o ego da criança ser tomado no circuito pulsional como *ego ideal*. A operação metafórica,



A Caridade (sec. XVII) – escultura de Bernini

resultante de que o significante do falo presente no desejo da mãe é o que representa a criança diante de outro significante, responde pela confluência das pulsões parciais em direção ao ego, elevando-o ao lugar de objeto privilegiado de investimento libidinal (LACAN, 1954-55/1987, 1956-57/1995). O narcisismo devém da identificação do sujeito à imagem fálica do corpo do semelhante (LACAN, 1949/1998). A leitura lacaniana do complexo de Édipo freudiano através da metáfora paterna mostra como, a partir da posição de ego ideal, torna-se possível à criança estabelecer uma relação com o falo enquanto significante antes mesmo de ser necessário considerar a diferença anatômica entre os sexos, ou seja, antes da presença do complexo de castração (LACAN, 1958/1998).

O *ego ideal*, imbuído de toda perfeição e valor fálico, é a imagem alvo do amor de si e também o objeto de convergência do investimento pulsional. Mas a operação da qual deriva requer uma perda relativa ao narcisismo primário e também um esforço para recuperá-la. A satisfação pulsional deverá resultar da realização do *ideal do ego* imposto pelo mundo externo como novo alvo para a libido, visando à recuperação do narcisismo perdido do ego ideal.

Em 1914, Freud já situava o complexo de castração como a parte mais importante relativa aos destinos do narcisismo original. A sua incidência promove, no plano egóico, a cisão entre o ego ideal e o ideal de ego. Nas meninas, isso ocorre pela intensificação do narcisismo original e não pelo amor objetal do tipo anaclítico (ou de ligação), como ocorre com os meninos.

Estas observações já apontam a existência de uma dissimetria entre os sexos como efeito da incidência do complexo de castração sobre o complexo de Édipo. Explicam, no caso específico da sexualidade feminina, a razão da precariedade no campo da identificação, do impasse na relação com o desejo e da dificuldade de substituir o objeto de amor primordial por outro, heterossexual. A escolha objetal do tipo narcisista faz obstáculo à dissolução da fase pré-edípica, ao alcance de um lugar sexuado e à escolha objetal anaclítica. Desvinculado da pulsão sexual, o amor daí decorrente caracteriza-se pelo caráter desregulado e constitui um ponto de fixação que permanece associado às pulsões do ego.

Em 1931, Freud deparou com as consequências do narcisismo feminino na escolha do parceiro amoroso da mulher. Por detrás da figura do marido, exatamente no lugar onde esperava encontrar os traços da ligação libidinal da menina com o pai, Freud encontrou um gozo mortífero relativo à vida pulsional pré-edípica da menina com a mãe, uma fixação em um tipo de satisfação pulsional na qual o sujeito não encontra sua existência separada da existência do objeto primordial de amor. A conclusão é a de que o parceiro sexual da mulher substitui a intensa ligação da menina com a mãe no lugar de substituir sua relação libidinal com o pai.

Para Freud, a operatividade do falo enquanto função reguladora depende de que a libido fixada na relação amorosa com a mãe – “o precipitado de catexias objetais abandonadas” (FREUD, 1923/1976) – alcance unificação. Neste sentido, Coelho dos Santos (2006a) afirma que, na sexuação feminina, o consentimento à castração torna-se a condição para que, depois de localizar o significante fálico no corpo do pai, se instale na menina o desejo de receber dele algo capaz de proporcionar a ela algum efeito identificatório. Portanto, para que o amor feminino alcance o plano civilizatório como *desejo de filho*, é preciso que um homem situe a mulher como causa do seu desejo e que ela consinta em ocupar este lugar. A posição de objeto – à qual a escolha objetual se refere – é, segundo Lacan, uma posição endereçada à mulher por um homem (1974-75, aula de 21/01/1975). A mulher deve ser escolhida e consentir em ocupar esta posição. Ser escolhida, ser desejada, equivale a *ser amada*. Trata-se da escolha narcísica que caracteriza a mulher na parceria amorosa, segundo Freud. Esta posição tem como efeito conectar a mulher à castração do homem, condição para que o filho advenha, então, como dom de amor de um homem e para que a relação amorosa da mulher com a criança seja do tipo anaclítica. A reivindicação por um filho deve passar pelo endereçamento de uma demanda de amor da mulher àquele que porta no próprio corpo o significante do desejo dela. Este é o caminho pelo qual pode ter *estatuto de desejo* o que, de outro modo, comparece na mulher apenas como *reivindicação sem limite*, excesso pulsional. É a via que faz convergir sobre o mesmo objeto tanto uma experiência de amor (que priva a mulher no campo do ideal daquilo que o homem lhe dá) quanto um desejo (que ali encontra seu significante) (Lacan, 1958/1998).

A parceria sexual permite à mulher localizar o significante ideal que torna possível para ela algum efeito de identificação, no sentido de localização do ideal (Coelho dos Santos, 2006a). Quando isso não ocorre, o que acontece do ponto de vista pulsional é que os filhos advêm como resultado de uma fixação, pois, no âmbito do complexo de Édipo, a relação sexual é sempre incestuosa, portanto, proibida. Ao afirmar isso, quero dizer que, no caso da menina, ela se mantém enredada e indiferenciada em um amor que não se distingue do ódio. Esse “amoródio” se dirige à mãe tomada como Outra mulher (imagem com a qual ela própria se confunde), rival sempre pronta a levar a melhor em relação ao pai e, por deslocamento, aos outros homens. Além disso, a mulher se torna presa do *Penisneid*, ou seja, da inveja que a projeta em uma reivindicação impossível de um filho/falo/signo-de-amor proveniente do pai. Sem o consentimento à castração, através da sua localização como objeto do desejo de um homem, a reivindicação por um filho feita pela mulher não alcança o estatuto do desejo. Conserva-se no registro do incesto e comparece sempre como excesso pulsional.

A lógica do não-todo, formalizada por Lacan no *Seminário 20*, elucida essa conexão que se dá na sexuação feminina e permite compreender que o amor, fundamento do laço sexual e social, quando comparece em excesso, pode levar à ruptura dos laços e à desinserção social.

A leitura lacaniana do autoerotismo e do narcisismo pelo encontro com a diferença sexual implica colocar o complexo de castração como eixo a partir do qual se dá uma resposta subjetiva. O Édipo evidencia o investimento libidinal de ambos os sexos na mãe como objeto primordial e

também o impasse distinto de cada um quando esse investimento se coordena ao complexo de castração. O funcionamento pulsional, por sua vez, introduz o que efetivamente importa no que se refere ao gozo. Uma vez que só um corpo vivo pode gozar, então, as propriedades desse corpo vivo, sexuado, distinguem-se, segundo Lacan (1972-73/1982), do lado masculino, pela sexualidade fálica e, do lado feminino, pelo Outro gozo, ou pelo gozo “não-todo” limitado pela lógica fálica.

A sexualidade “não-toda” fálica

O destino civilizatório do amor requer, segundo Freud, a incidência da castração sobre o Édipo, núcleo das neuroses. É somente alinhado à diferença sexual que o pênis se confunde com o falo. Este equívoco introduz a primazia fálica e a oposição *fálico X castrado* necessária à partilha dos sexos. A ameaça de castração é o móvel da renúncia ao narcisismo pelo menino. Ele escolhe a posse do órgão em detrimento do amor narcísico primário. Abre mão da condição de *ser amado* para *amar*. A libido do objeto à qual o ego renunciou retorna, então, ao próprio ego e se transforma em libido objetual. O que resta da relação pré-edípica do menino com a mãe (narcisismo primário) é localizado como objeto fantasmático inserido na lógica edípica (ou fálica, segundo Lacan). É assim que uma mulher poderá se tornar objeto depositário do que no autoerotismo caracterizava-se como um amor sexualmente indiferenciado.

Lacan (1964/1988) conceituou o objeto *a* como resto da indiferenciação referente à relação do sujeito com o Outro primordial. Esta relação inclui o gozo pulsional com o objeto que complementa libidinalmente o narcisismo perdido do sujeito em sua fantasia inconsciente. O falo permite a operação identificatória que consolida no menino o seu caráter masculino porque modifica o ego segundo os ideais que ela carrega consigo.

O que se passa, então, quando se pensa que já não há o que perder?

Para Freud (1925/1976), a sexuação feminina é fruto de um julgamento e de uma decisão. Ela vê o pênis, conclui que não o tem e decide que o quer. No caso da mulher, no lugar de resolver o drama edípico, a castração o aprofunda. Por julgar que a ameaça não lhe concerne, a menina não passa à etapa posterior: abrir mão de parte de seu narcisismo original em nome de uma identificação e de um investimento fantasmático no objeto perdido. Para Freud (1925/1976), depois do complexo de castração ter produzido o efeito de forçar a criança à situação do complexo de Édipo, fica faltando às meninas o motivo para a sua dissolução porque elas acreditam não ter o que perder. É nesta encruzilhada que a saída para a menina se torna muito mais complexa. Para que ela não se perca pelos labirintos da reivindicação desmesurada sem alcançar o plano identificatório secundário, a demanda de pênis deve se coordenar a um consentimento à castração. O acesso à identificação supõe “a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo [...]” (Lacan, 1958/1998, p. 692).

Todo o problema em questão na histeria se resume na reivindicação amorosa ilimitada – e, nesse sentido estrito, *erotômana* – dirigida ao pai pelo sujeito feminino às voltas com a castração. Para a menina, a castração está no ponto de partida. Sua entrada no drama edípico se conecta diretamente com a castração localizada no campo do Outro (2). O efeito é a obtenção de um saber sobre o valor de semblante incluído na posição de exceção com a qual o menino se identifica enquanto ideal de seu sexo. Este saber abala a crença da menina na medida fundada pelo falo como significante do desejo sexual. Sem uma medida real reguladora, nada se mostra à altura do que é reivindicado e tudo é semblante. A insatisfação no plano do desejo fica garantida pelo caráter metonímico da satisfação autoerótica em jogo no circuito pulsional como se nada se apresentasse como real. Onde nada é real tudo pode se tornar real. Esta é a via da devastação feminina.

O problema que se coloca aqui, segundo Lacan, é que o pai não tem como fornecer uma medida ideal que sirva de identificação para o sexo feminino. Mas, tampouco, a mãe. Não há no campo do Outro um significante que possa fundar o conjunto das mulheres. Na impossibilidade da identificação e conseqüente extração do objeto, a pulsão regride às fixações libidinais primitivas. No lugar de perder parte do narcisismo original, o ego assume as características do objeto e força o id a recebê-lo como objeto de amor na tentativa de compensá-lo pela perda sofrida com a descoberta da castração materna pelo sujeito (FREUD, 1923/1976).

Sem a justa medida do falo acoplada à diferença sexual, a via amorosa torna-se contingencial, escapa ao cálculo, à regulação e precipita a menina num campo confuso no que se refere aos objetivos sexuais. É por esta razão que Freud afirma que a vida erótica da menina não é acrescida de nenhum aspecto novo (1931/1976, p. 259-260) e que, nela, “a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência [...]” (1933 [1932]/1976, p. 159).

No caso do menino, a coordenação entre o simbólico e o pênis regula a relação amorosa primitiva porque separa o objeto de amor e o objeto de gozo pulsional que passa a se localizar no fantasma. Assim, a identificação regula a esfera do amor separadamente da do desejo sexual em função do recalque deste.

O campo identificatório feminino, por sua vez, é precário. Se o ego não encontra uma medida fálica que o unifique, o efeito é que o laço amoroso comporta sempre certa ambivalência entre o amor e o ódio, além de uma devastação estrutural que será menor ou maior dependendo da qualidade da vida erótica da mãe junto a um homem, ou seja, depende do fato dele funcionar ou não para a mãe como regulador fálico de seu gozo. Se a resposta for negativa, a possibilidade de a menina se oferecer como tampão para a insatisfação materna torna-se a porta de entrada para o que Lacan nomeia *devastação*. Segundo Coelho dos Santos (2006a), “[...] a vertigem de se oferecer como suplência à insatisfação amorosa da outra mulher, que é sua mãe”, é o verdadeiro obstáculo à análise das mulheres. É o que pode ser chamado de *erotomania normal* nas mulheres (MILLER, 1997-98/2003).

A teoria do narcisismo iluminada pelo complexo de castração distingue a importância da operação paterna sobre um sexo e outro. Para o menino, o pai agencia a castração, interdita, identifica e torna o menino capaz de amar. Mas, para a menina, ele é apenas o detentor do pênis/falo, podendo dá-lo a ela (ou não) sob a forma de um filho (Coelho dos Santos, 2006b). Ele constitui a menina como precisando *ser amada*, posição que coincide com o *ego ideal*. Em ambas as declinações – amar e ser amado –, *o amor forma uma borda que protege, distintamente, todos os sujeitos contra a invasão da pulsão de morte*. Ao mesmo tempo, é um ponto de fixação que contém a história da ligação primitiva do sujeito com o genitor do mesmo sexo, na qual a pregnância imaginária é sempre muito intensa. Esses aspectos fazem do narcisismo estrutural o resto intransponível de uma análise, que Freud (1937/1976) nomeou “repúdio à feminilidade” – ou seja, a sexuação do sujeito como homem ou como mulher. O rochedo da castração se refere ao caráter libidinal da ligação primordial do sujeito com a sexualidade do seu genitor do mesmo sexo (Coelho dos Santos, 2006b).

O amor narcísico coordena-se ao traço do objeto que supre a *falta-a-ser* do sujeito e condiciona seu desejo sexual, permitindo sua ascensão ao campo da diferença sexual. No entanto, se a identificação não encontra um pedaço de carne real para se ancorar no corpo, como acontece no caso da menina, o amor (sob a forma de ser amada) é constante fonte de devastação. Não conseguindo se constituir como uma unidade sustentada por um traço identificatório, o ego é constantemente ameaçado pela invasão da pulsão de morte. Entrar no Édipo pela castração tem o

efeito de fornecer à menina um saber sobre a natureza de semblante das identificações. É por esta via que todo valor fálico é passível de ser caracterizado como semblante, resultando que não haja real em lugar algum. Ao mesmo tempo, é pelo corpo de um homem que o falo pode ser localizado, permitindo à mulher ascender ao plano dos ideais. Essa dupla matriz torna urgente, mas sempre problemática, a aquisição de um parceiro sexual para a mulher. Sem um consentimento à castração, sem o limite da lei, o objeto nunca se coordena ao desejo, mas ao gozo.

Coelho dos Santos (2006a) propõe a seguinte alternativa para interpretar o enigma nomeado por Freud (1926/1976) como continente negro da feminilidade: “ou bem uma mulher escolhe a identificação ao *sinthoma*, isto é, ao objeto fetiche causa do desejo de um homem, ou bem é aspirada pela identificação a um objeto parcial autoerótico, que funcionaria como suplência ao gozo da Outra mulher”.

Um fragmento clínico

Rafaela desconhecia que era filha de um relacionamento da mãe com um homem casado, apesar de saber que ele tinha três filhos mais velhos do que ela. Seus pais nunca viveram juntos, mas sempre “namoraram”. Ele amparava-as financeiramente e sempre as acompanhava às festas na casa da avó materna, onde dormiam no mesmo quarto. Quando ela tinha 12 anos, ele resolveu reconhecer legalmente a paternidade. Até ali, Rafaela usava apenas o sobrenome paterno da mãe. Agora ela teria também o do pai, mas deveria manter sigilo sobre sua filiação, pois ele era casado com outra mulher. Só então Rafaela entendeu porque nunca pôde conhecer os irmãos. Passou dez anos sem o reconhecimento legal da paternidade, e agora que o pai lhe dava o sobrenome, ela deveria esquecer que o recebeu (3).

A partir deste momento, o desempenho escolar mediano de Rafaela caiu. Entrou na adolescência tentando “cobrir um buracão”, querendo “suprir alguma coisa” através dos amigos e dos namorados. A aluna comportada tornou-se impertinente, respondona, intrigante e “barraqueira como a mãe”. Logo perdeu os amigos e foi “convidada” a mudar de escola.

Entrou na vida amorosa de modo desastroso. Paixões intensas e esforços desmedidos para ficar com os meninos que “não estavam nem aí” para ela. Nunca era suficientemente amada, embora fizesse tudo para isso, exceto transar com eles. Era como responder à insuficiência deles. Sua vida amorosa e social era intensa. Apesar de menor de idade, não tinha hora para chegar em casa. Quando sozinha, chorava e sentia “depressão”. Fazia pequenos cortes com gilete no pulso e ficava olhado o sangue escorrer enquanto pensava que, se morresse, ninguém choraria por ela.

Aos dezoito anos, conheceu um rapaz estrangeiro cujo visto no Brasil se expirava. Como queria permanecer no país, tentou um casamento arranjado, sem sucesso. Mesmo sem o conhecer, Rafaela decidiu ajudá-lo. Apostava que sua ajuda se tornaria um casamento – “jamais seria a outra na vida de um homem”, como a mãe. Esta, por sua vez, não se opôs ao “casamento”, porque, assim, a filha teria um passaporte europeu. Juntas, combinaram não contar ao pai de Rafaela “para que ele não cortasse a mesada”. Diante do consentimento materno, de nada adiantavam as intervenções da analista. Um dia, durante uma conversa, ele a fez tremer de medo ao dizer que, “se alguma vez fosse traído, mataria a mulher”. A analista deu lugar à inequívocidade do significante “matar” e ameaçou quebrar o sigilo do atendimento, fato que trouxe o rapaz à sessão. Diante do reconhecimento de que havia sido muito “enfático”, ele se desculpou, falou de sua situação pessoal e do “contrato”. Rafaela não deveria ter esperanças de que fariam um casamento. Ele só queria poder ficar no país. Ela, então, admitiu que sempre soube disso, mas quis se enganar. O esclarecimento não impediu a “união”, mas trouxe mudanças, porque permitiu que ela fizesse alguma separação em relação à história da mãe. O seu tratamento foi interrompido pouco depois

do “casamento”. Ela conseguiu concluir o supletivo e ingressou numa universidade particular. Além disso, eles começaram a namorar e decidiram morar juntos. Mais uma vez, como já advertira Freud (1914/1976), o “tratamento amoroso” pode fazer obstáculo ao tratamento analítico.

Do fragmento à teoria

O drama de Rafaela mostra que há, desde o início, uma precariedade em jogo no campo identificatório: seus pais não moram juntos e ela não tem o sobrenome do pai na certidão de nascimento. Entretanto, até o reconhecimento da paternidade, sua vida não tinha problemas. Para Rafaela, o modo como os pais viviam, a falta do sobrenome paterno e o casamento “anterior” do pai, do qual resultaram três filhos que ela não conhecia, eram fatos que não a tornavam menos filha ou menos valiosa para ele, porque ela deduzia o seu valor fálico a partir da suposição do desejo de seu pai pela “mulher atual”, sua mãe. Rafaela tinha a ilusão de ter vindo ao mundo como dom de amor de seu pai à sua mãe. Assim, receber o sobrenome do pai endossaria esse lugar fálico. Entretanto, ele lhe pediu sigilo sobre a paternidade. Com esse pedido, ele tentava anular o ato público de reconhecimento da filha. Situava o seu gesto no registro da culpa e da covardia moral e não mais no campo do desejo, como ela pensava. A existência de Rafaela provava a traição dele à sua legítima mulher. O sentimento de culpa e a covardia do pai, portanto, desmentiam o lugar suposto à mãe: ela não era tão importante assim para ele e, por consequência, também Rafaela não o era. A recusa de responsabilizar-se por seu ato, ou seja, a escolha de não arriscar a relação marital em nome do reconhecimento do valor fálico da filha, nomeava-a como bastarda. O desvelamento do verdadeiro lugar que a mãe dela ocupava para ele – objeto degradado do seu gozo e não do seu desejo – teve o efeito de romper o frágil revestimento fálico de Rafaela. Ela tornou-se “barraqueira como a mãe”. Sem os pilares identificatórios paternos que garantiam o desejo e permitiriam, no futuro, a substituição do pai por outro homem em quem também pudesse localizar-se como identificada à causa do desejo dele, Rafaela foi devastada pela posição de objeto degradado. Seu desvalor como filha produziu efeitos. Tornou-se a única entre os filhos dele que não tinha sucesso na escola e que não conseguiria ingressar na universidade. Assim como a mãe, pararia no ensino médio. Do mesmo modo, não tinha valor para os rapazes com quem se relacionava.

A posição de dejetivo de Rafaela, sua deriva e autodestrutividade na vida amorosa caracterizam a forma de amar erotomaniaca. Segundo Miller, essa é a forma do amor feminino que distingue “o que um sexo vai procurar no Outro, quer dizer, a forma que impõe a seu objeto” (MILLER, 1997-98/2003, p. 27). Implica o comparecimento do excesso pulsional “não-todo” regulado pela lógica fálica, excesso esse que, de acordo com Freud (1933 [1932]/1976), remonta às experiências primitivas da menina com sua mãe. Partindo do princípio freudiano de que a escolha objetual da mulher é narcísica, de que ela não desenvolve o supereu das identificações secundárias, o que resta do processo identificatório é sempre muito precário. O ponto de fixação é a relação primária, pré-edípica, onde o sujeito e o objeto encontram-se indiferenciados.

A elevação do objeto à dignidade de causa do desejo requer uma extração, ou seja, uma separação entre o sujeito e o objeto como efeito da renúncia a uma parte da libido narcísica. O campo do desejo não se dá sem a instauração da Lei. Mas a descrença das meninas na ameaça de castração faz obstáculo a uma verdadeira separação em relação ao objeto primordial de amor. Do ponto de vista pulsional, elas se mantêm presas a uma ambivalência relativa à relação com a mãe, na qual o sujeito é objeto de gozo da mãe e não o substituto fálico do pênis que ela não tem. No *Seminário 10*, Lacan afirma que o supereu das identificações secundárias participa da função do

objeto como causa de desejo. Uma vez que nas mulheres ele não se constitui para manter a distância entre o objeto da identificação e o do amor, a reversão pulsional dá lugar à face pulsional do objeto em sua posição de dejetivo e não como causa de desejo. As etapas pré-genitais da libido, no que se refere à identificação e à relação de objeto, têm uma relação estrutural com o masoquismo e a erotomania. Esse é o mecanismo em Freud que pode ser colocado como topologicamente homólogo à lógica do “não-todo” em Lacan.

Proponho abordar a erotomania feminina à qual Miller (1997-98/2003) se refere a partir da vertente que Freud (1931/1976; 1933 [1932]/1976) desenvolveu sobre a feminilidade enquanto situada no âmbito das relações da menina com a mãe. O que ele chama de feminilidade e de relação primitiva da menina com a mãe é, então, homólogo às etapas pré-genitais da libido e corresponde, do ponto de vista topológico, à erotomania feminina e ao conceito lacaniano de Outro gozo (Lacan, 1972-73/1982). Por esta via, pode-se estabelecer uma relação estrutural entre o Outro gozo e a fixação do sujeito feminino ao que resta da operação da metáfora paterna.

No caso em questão, a impossibilidade de Rafaela de significar sua indignação relativa à irresponsabilidade dos pais rompeu a precária borda do amor, precipitando-a no gozo ilimitado da pulsão de morte. A devastação é efeito da posição degradada da mãe como objeto do pai, sendo a própria mãe cúmplice disso. A debilidade do campo identificatório faz obstáculo à transformação do amor egoísta em altruísta. Como consequência, produz-se uma regressão pulsional a um modo de satisfação adquirido na infância: o gozo pulsional referente à fase oral, pré-edípica.

Os matemas lacanianos da sexuação mostram que a mulher é “não-toda” submetida à organização fálica. Se o campo dos ideais vacila, as posições de sujeito e de objeto tornam-se indiferenciadas, o amor não encontra como se distinguir do ódio e, então, não faz o menor sentido tentar discriminar, do ponto de vista pulsional, se os efeitos sobre o objeto são de dano, aniquilamento ou de exaltação (Freud, 1915). O sujeito passa ao *acting out*, passa a agir aquilo que não consegue rememorar. Rafaela encarna uma “burrice” que sintomatiza a “burrada materna” – seu nascimento havia sido um *acting out* de sua mãe. Além disso, porta uma questão: “Por que razão minha mãe se envolveu com um homem impossível?”. Alienada à posição de objeto do gozo materno sem poder contar com a interdição da metáfora paterna, Rafaela respondeu a essa pergunta com o seu fracasso. Encarnou a impotência no lugar de deduzir o impossível.

Este caso mostra que *a vacilação identificatória pode lançar a mulher em um estado de emergência amorosa* e exemplifica como a queda da estrutura familiar tornou urgente para Rafaela a localização do gozo no parceiro sexual tomado como ideal. Ela busca desesperadamente cobrir com um amor – um “casamento de verdade” – o buraco aberto pela atitude paterna. A escolha da paixão amorosa realiza as condições de amor infantis decorrentes da fase pré-edípica. A paixão amorosa tem o poder de suspender recalques, restaurar perversões e elevar o objeto sexual à condição de *ideal sexual*. Segundo Freud (1914/1976), tem uma função de ajuda ao precário ideal do ego da mulher.

Minha interpretação é a de que, na medida em que o ideal sexual permite conjugar falo e pênis, ele possibilita para a mulher a recuperação das qualidades fálicas perdidas ou que parecem inalcançáveis ao seu próprio ego, proporcionando “um efeito de identificação e de regulação do excesso pulsional” próprio à sexualidade feminina (Coelho dos Santos, 2006e). Mas isso não pode ser confundido com um tratamento para a feminilidade, pois não permite ao sujeito a ultrapassagem da oposição “fálico X castrado”, própria à sexualidade infantil.

Freud afirma que, de um modo geral, o sujeito não pode acreditar em outro mecanismo de cura senão pelo amor. Por esta razão, as expectativas amorosas são trazidas para o âmbito do tratamento analítico e direcionadas para a pessoa do analista. Se, por um lado, o tratamento

consegue libertar o sujeito de alguns recalques, por outro, pode dar lugar a resultados involuntários, como, por exemplo, ser interrompido para ser continuado junto da pessoa amada (1914/1976, p. 119). No entanto, é importante lembrar que, no caso da mulher, o que se refere ao amor tem repercussões mais estruturais. Freud (1914/1976) alerta que a saída pelo amor poderia ser satisfatória se não trouxesse o perigo de uma dependência opressiva do sujeito feminino com a pessoa salvadora. Lacan (1972-73/1982) homologou o gozo feminino à fala de amor que o parceiro sexual endereça à mulher e situou o impasse da sexualidade feminina na dissimetria dos gozos: um é tecido pela via do discurso amoroso e o outro, pela abordagem silenciosa do objeto fantasmático. O tratamento pela via do amor fora da análise dificilmente conduz à nova ética desenvolvida por Lacan no “Seminário 23”, a da responsabilidade sexual (Coelho dos Santos, 2006a).

Notas:

1 - Enquanto conceito pelo qual Freud elucida a lógica da vida amorosa, a identificação só será formulada em 1921, no texto “Psicologia de grupo e análise do ego”.

2 - Trata-se aqui do “Outro que não existe”, grafado por Lacan como (\AA). Para Coelho dos Santos (2004), está em jogo um deslizamento lacaniano no uso do termo castração como proveniente da linguagem. A referência de Lacan à linguagem revela que, no campo do Outro, o sujeito não encontra nem o objeto do seu gozo nem o significante que o represente enquanto tal. Esta vertente guarda uma correlação com a castração sexual uma vez que o sexo da mulher também não é possível de ser positivado.

3 - É importante observar que, na época em que Rafaela nasceu, era impossível registrar um filho proveniente de uma relação adúltera. Foi necessário esperar pela mudança no código civil para que um homem legalmente casado com uma mulher com a qual tivesse uma família pudesse registrar um filho de uma relação extraconjugal.

Referências bibliográficas

COELHO DOS SANTOS, T. (2004) *A máquina do não-todo e a clínica do sinthoma*. Seminário transcrito não publicado. Aula do dia 07/04/2004.

COELHO DOS SANTOS, T. (2005) O sinthoma e a insígnia: fantasia ou caráter?. In: *Latusa*. N. 10. Rio de Janeiro: EBP-RJ, p. 36-49.

COELHO DOS SANTOS, T. (2006a) Final de análise como identificação ao sinthoma do homem. Trabalho apresentado na XVII Jornada Clínica da EBP-RJ – *Para que serve um Pai? Usos e versões*. Texto não publicado.

COELHO DOS SANTOS, T. (2006b) Os nomes do real: sexuação e invenção. Texto não publicado.

FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Vol. VII, p. 135-237.

FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Vol. XIV, p. 89-119.

FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1915) “Os instintos e suas vicissitudes”. Vol. XIV, p. 137-162.

FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1921) “Psicologia de grupo de análise do ego”. Vol. XVIII, p. 91-179.

FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1923 [1922]) “O ego e o id”. Vol. XVIII, p. 23-83.

- FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1924) “Dissolução do complexo de Édipo”. Vol. XIX, p. 217-224.
- FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1925) “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. Vol. XIX, p. 309-320.
- FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1926) “A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial”. Vol. XX, p. 211-283.
- FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1931) “Sexualidade feminina”. Vol. XXI, p. 259-279.
- FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1933 [1932]) “Conferência XXXIII – A Feminilidade”. Vol. XXII, p. 139-165.
- FREUD, S. (1976) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1937) “Análise terminável e interminável”. Vol. XXIII, p. 247-287.
- LACAN, J. (1949/1998) “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 96-103.
- LACAN, J. (1953-1954/1986). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1954-1955/1987) *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1955-1956/1998) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, p. 537-590.
- LACAN, J. (1956-1957/1995). *O Seminário, livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1958/1998) “A significação do falo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 692-703.
- LACAN, J. (1964/1988) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1972-1973/1982). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LOPES, R.G. (2005) “Desejo do analista e lógica da sexuação”. In: *Latusa*. N. 10. Rio de Janeiro: EBP-RJ, p. 73-88.
- MILLER, J.-A. (1997-1998/2003). “Uma partilha sexual”. In: *Clique*. Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. N. 2. MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, p. 12-29.